

# A PLEBE

GUERRA  
à GUERRA!

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

## Glorificando a Associação Internacional dos Trabalhadores

HÁ 84 ANOS, SURTIA O GRANDE BALUARTE DO PROLETARIADO MUNDIAL — PARA O COMBATE CONTRA A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM E EM PROL DE UM REGIME DE IGUALDADE SOCIAL

A propósito da fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, que, em 28 do mês passado, completou 84 anos de existência, publicamos hoje um magnífico trabalho do grande e saudosos combatente anarquista Errico Malatesta, publicado na revista "Pensiero e Volontà", em 1924.

Recomendamos aos leitores de A PLEBE a leitura deste precioso documento, em que o inolvidável camarada nos fala da origem, do desenvolvimento e das lutas da Primeira Internacional, de cuja atividade participou a A. I. T., reconstituída em 1922, tem sua sede em Estocolmo.

A Associação Internacional dos Trabalhadores foi fundada em Londres no dia 28 de setembro de 1864, em uma reunião de operários e revolucionários sociais de diversas nacionalidades, com o propósito declarado de "estabelecer um centro de comunicação e de cooperação entre os trabalhadores de vários países que aspiram ao mesmo fim, isto é, a ajuda mútua, o progresso e a emancipação completa de todos os trabalhadores do mundo".

Na Itália foi representada, durante os primeiros anos, por alguns precursores e uma ou outra associação operária, tomando real importância apenas com o movimento de Comuna de Paris (março-maio de 1871) e nos primeiros anos que se seguiram a esse movimento. Entretanto, desenvolvem-se progressivamente na Itália mais que nos outros países, tendo o seu período aureo, ativo e fecundo, justamente quando em outras partes estava já morta ou moribunda, para depois, após a cisão de 1882, ser substituída por uma associação se chamavam socialistas-anarquistas e socialistas democráticos, no Congresso de Genova, em 1882, passando a ser, depois, apenas um nome, conservado por alguns anos ainda, por amor à sua tradição e com a esperança de uma ressurreição dos grupos anarquistas associados.



Miguel Bakunin — pensamento e ação da A. I. T.

Mas o que foi realmente a Internacional? Como viveu e como morreu? A Internacional surgiu com o caráter de uma federação de ligas operárias de resistência, com um programa indeterminado que poderia interpretar-se de vários modos e levar às mais variadas consequências.

A primeira vista, poderia parecer que esta associação não passasse de uma repetição, em grande escala e no terreno internacional, das antigas sociedades operárias que, de há muitos anos, aguardavam a emancipação das classes trabalhadoras, pela resistência legal, pela cooperação, por meio de leis protetoras do trabalho, sem um gesto de rebelião contra as instituições político-sociais que as oprimiam e sem sair do âmbito do mundo burguês.

De fato, assim pareceu a muitos, tanto que, em França, nos primórdios da sua fundação, foi objeto de louvores por parte do governo imperial, o qual, antes de a declarar fora da lei e decretar a sua ilegalidade, tentou atraí-la para a sua órbita e fazê-la instrumento de corrupção no seio das classes desprotegidas. Por outra parte, gozou do encorajamento de muitos membros influentes do Partido Republicano, que, mais tarde, quando o seu programa começou a tornar-se conhecido, foram, entre os seus mais ferrenhos inimigos, os mais ferozes perseguidores.

E assim aconteceu em todos os países. Por exemplo, na Suíça, um dos primeiros congressos da Internacional foi realizado no Palácio da Justiça, em uma sala gentilmente cedida para esse fim; e em Nápoles, pouco antes de ser perseguida e processada por incitamento à rebeldia e provocação do ódio de classes, conspiração contra os poderes constituídos e contra o Estado, etc., usavam para nossa secretaria, nossos comícios e uma escola popular, locais graciosamente cedidos pela Municipalidade.

Mas os tempos eram agitados. Estávamos em um período do despertar operário, novas correntes do pensamento procuravam abrir caminho, novos sonhos, novas aspirações sacudiam os espíritos, e os homens que haviam fundado a Internacional, que a haviam introduzido em vários países e conquistado influência predominante, eram homens de idéias e de ação que, ao lado das reivindicações imediatas, aspiravam a uma completa e radical reforma social. Por isso, uma vez criada a federação internacional das ligas de resistência, que dava um sentido mais profundo à luta contra o capitalismo, se passou logo ao plano de preparação dos meios capazes de abater todo o sistema social vigente, não à procura de fórmulas ou panacéias para substituir as mesmas instituições. Assim, enquanto as massas afluam com entusiasmo às fileiras da Internacional, que se agitantava, apavorando as classes privilegiadas, e atraído contra si a perseguição dos governantes, os homens de pensamento que haviam ingressado na Associação Internacional dos Trabalhadores ou que por ela haviam sido solicitados a fazê-lo, preocupavam-se com a elaboração do programa pelo qual ainda hoje combatem todos aqueles que desejam a emancipação integral da humanidade, arrancando-a à tirania do capitalismo e das organizações estatais.

A Internacional sustou a marcha do proletariado na rabeira dos partidos burgueses, deu-lhe uma consciência de classe, um programa próprio e uma política própria. Revolucionou e discutiu todos os mais importantes problemas da questão social, submeteu ao livre exame e desenvolveu todos os sistemas de reforma social até então propostos e fundou todo o movimento socialista moderno. Fez tremer os potentados, suscitou ardentes esperanças nos oprimidos, inspirou sacrifícios e heroísmos... e quando mais parecia destinada a provocar a queda da sociedade capitalista e tirânica, se desmoronou e morreu, deixando aos seus herdeiros, os socialistas e anarquistas, a missão de realizar aquele mundo de solidariedade, de justiça e liberdade que havia anunciado.

Porque morreu? Os tempos eram certamente pouco maduros para um rápido triunfo. Quer dizer que não se poderia razoavelmente esperar que em poucos anos se realizasse a profunda transformação social de todos os objetivos a que a Internacional se propunha; mas a Associação Internacional dos Trabalhadores constituía magnífico instrumento para AMADURECER OS TEMPOS, e poderia ter criado as condições para se efetuar a transformação, preparando os espíritos e provindo-os das forças necessárias.

Ao contrário, desmoronou e morreu. Porquê?

E' comum atribuir-se a morte da Primeira Internacional às perseguições dos governos e às lutas de caráter pessoal surgidas em seu seio.

Eu não acredito. As perseguições teriam sido impotentes para destruir a Internacional, e até mesmo serviriam para dar-lhe popularidade e incrementar a sua ação. E as lutas pessoais não foram,



Apesar de todas as borrascas reacionárias — a bandeira da A. I. T. continua a ser o símbolo das aspirações da classe trabalhadora

na realidade, senão coisas secundárias; e enquanto o movimento teve vitalidade, serviram para selecionar as atividades e os indivíduos mais em evidência. A verdadeira causa é outra.

No seio da Internacional se manifestaram duas tendências: uma autoritária e centralista, outra libertária e federalista, as quais dividiram os internacionalistas em duas correntes adversárias, que tomaram o nome, ao menos entre os mais extremistas, de Marx e Bakunin.

Uns queriam fazer da Internacional um corpo disciplinado e obediente às ordens de um Comitê Central (Conselho Geral); os outros queriam que fosse uma federação livre de grupos autônomos. Aqueles pretendiam submeter as massas para fazer, segundo o ponto de vista autoritário, o bem pela força; estes queriam sublevá-las e induzi-las a libertar-se por si mesmas de todas as tiranias. Mas isto, em vez da dissolução, teria podido conduzir, quando muito, à sua divisão em duas associações, como, de fato, foi tentado, tanto mais que essas tendências já estavam acentadamente divididas até como território, pertencendo a Itália, a Espanha, a Suíça, a França meridional e a Bélgica à tendência libertária e os outros países representados na Associação pela tendência autoritária.

Existia, porém, um caráter comum nas duas frações: é que uns e outros emprestavam às massas as próprias idéias e fludiam-se pensando havê-las convertido, quando não haviam obtido senão uma adesão mais ou menos inconsciente.

Assim, vimos a Internacional transformar-se em mutualista, coletivista, comunista, anarquica, revolucionária, com uma rapidez que é documentada nas deliberações dos seus congressos e em toda a sua literatura, mas que

não poderia representar a evolução real e simultânea da grande massa de seus associados.

Os elementos mais evoluídos estudaram, discutiram, descobriram as necessidades do povo, formularam programas, afirmaram o socialismo fundamentado no anarquismo, fizeram tentativas insurrecionais, vaticinaram o futuro e o prepararam — mas mataram a Associação. A espada havia-se localizado na bainha; o pensamento havia matado o corpo.

Não digo que foi um mal. Se a Internacional tivesse ficado apenas uma federação de ligas de resistência e não fosse agitada pelas tempestades do pensamento e das paixões de partido, teria durado como duraram as TRADES UNIONS, associação inútil e talvez danosa à causa da emancipação humana. Foi melhor que tivesse morrido soltando no vento a semente fecunda da liberdade.

Tal foi a Primeira Internacional. E os companheiros que, desejando um movimento operário independente de partidos, apelam para o seu exemplo, estão errados, porque falseiam a história.

A Primeira Internacional foi independente de partidos, porque ela mesma era um partido, ou antes, eram dois partidos que estavam juntos por acaso.

Mas, afinal de contas, a exatidão histórica tem uma importância relativa. A lenda altera os fatos, mas no fundo tem a mesma ou maior influência que se fosse a verdade!

O importante é aquilo que devia ter feito depois, ou antes, o que agora se deve fazer.

A experiência do passado demonstrou que é um erro pretender constituir uma nova ou novas Internacionais, que sejam ao mesmo tempo

órgãos de resistência econômica, laboratório de idéias e associação revolucionária.

A nova Internacional dos Trabalhadores deveria ser uma associação destinada a reunir todos os trabalhadores (ou o número de trabalhadores que for possível) sem distinção de opinião social, política ou religiosa, para a luta contra o capitalismo; por isso mesmo, não deveria ser nem individualista, nem coletivista, nem comunista, monárquica ou republicana, religiosa ou anti-religiosa. Única condição para ser admitido: combater a exploração patronal.

Mas isto é possível? E' possível dividir a luta econômica da luta política? A economia da moral? E' possível que os homens de fé saibam, ainda que por alguns instantes, abster-se das próprias convicções e não dar a todas as questões a importância das suas idéias?

A mim me parece muito difícil. Ou as associações operárias cuidam exclusivamente dos interesses econômicos dos seus associados, ou, então, acabam sendo escolas de egoísmo, fechadas em suas atividades, servís, inúteis, recorrendo, por vezes, ao apelo das autoridades nos acordos com o patronato, em detrimento das outras categorias, especialmente das massas não organizadas e impossibilitadas de se organizarem por qualquer motivo.

Ou, ainda, conserva aquele espírito combativo, desejo de emancipação integral, sentimento de solidariedade com todos os oprimidos e explorados, e, nesse caso, em breve surgirão as lutas de tendências, e chegará o momento em que o autoritário e o anarquico, o parlamentarista e anti-parlamentarista, o reformista e o revolucionário entrarão em conflito, pretendendo cada qual amoldar as mas-



Errico Malatesta — um executor coerente das finalidades da A.I.T.

das de associados nos seus pontos de vista.

De qualquer modo, nós deveremos, segundo a minha opinião, cuidar principalmente da propagação de nossas idéias e da organização das nossas forças, por um lado; por outro lado, promover e encorajar a união de todos os trabalhadores, sem distinção de credos políticos ou religiosos, para a luta das reivindicações imediatas contra o patronato, convencidos de que o ÓDIO A EXPLORAÇÃO PATRONAL E' O PRINCIPIO DA LIBERTAÇÃO. Devemos tomar parte ativa no movimento operário porque é o primeiro passo para a elevação moral e material das massas, e porque constitui também campo fértil para a propagação das idéias, mas não devemos pretender impor às massas as idéias particulares de um partido.

Naturalmente não podemos deixar de desejar que todas as organizações operárias tenham caráter socialista-libertário e procurem todos os meios de conseguí-lo — mas devemos fazê-lo de modo que essas organizações adquiram esse caráter livremente, gradualmente, a par do desenvolvimento consciente da compreensão de seus direitos e deveres.

ERRICO MALATESTA

# CARIDADE, NÃO: JUSTIÇA!

"Venho de praticar uma má ação: dei uma esmola. — ANATOLE FRANCE.

Ouvi, um dia destes, no programa humorístico infantil de Nhô Totico, que a Rádio America apresenta, o querido artista da petizada referir-se a um casal de médicos que, em passeio pelo interior do Estado, visitando as fazendas agrícolas, ficou desapontado, espantado, pode-se dizer, ante o estado de completa miséria em que arrastam a existência os trabalhadores rurais, os colonizadores do campo, os verdadeiros produtores dos generos indispensaveis ao viver humano.

Tanto ficou contristado o par de passeantes, que não se decidiu a deixar o campo sem nada fazer pelo bem de seus miseraveis povoadores.

Crentes de que o fator principal causador do mal e da pobreza desses camponeses fosse a precaria saúde e falta de higiene que lhes consome o vigor do corpo e a vontade do espirito, determinaram aconselhá-los a que adotassem princípios saudaveis de higiene e proporcionar-lhes os elementos de que pudessem dispor para atingir o fim que desejavam.

Foi isso o que referiu Nhô Totico, pois, tendo-lhe seus admiradores pedido colaboração, comprometera-se a conseguir 120 escovas e pastas para dentes, o que havia feito por meio do programa infantil.

Na mesma ocasião, comunicou que já uma pessoa remetera o artigo pedido, ficando as crianças dispensadas dessa incumbência.

Este fato demonstra com sufficiente clareza o verdadeiro espirito de cooperação, de apoio mutuo que caracteriza a ética natural do ser humano e a forma, o processo porque se apresenta no regime social capitalista: a mais nobre manifestação de altruísmo, transformada não mais aviltante ato que pode realizar o homem.

Aviltante para quem dá e para quem recebe. Ironico paradoxo! Os construtores da base em que assenta o maquinismo imenso de toda a produtividade social, recebendo, por caridade, verdadeiras migalhas do incensuravel patrimonio construido.

Que pode haver de mais humilhante senão uma organização social que permite tão mesquinho procedimento, tão deshumana compreensão da própria vida?!

Pode-se afirmar que, se tivesse consciência, se no mais íntimo do pensamento lhe passasse, mesmo de leve, o negror dessa penuria, o individuo jamais se prestaria à indecorosa pratica da caridade burguesa. Para que ela exista o primeiro fator que se faz necessário é existir a miséria e a riqueza, isto é, que os bens de que a sociedade pode dispor sejam repartidos em contrastante desigualdade, a uns de tudo sobrando e outros carecendo de tudo, sendo exatamente estes ultimos os que tudo edificam.

Quando desaparecerá da face do orbe terrestre esse brutal orgulho egoista, causa-mater de tanta pobreza, de tanto angustioso sofrimento que a todos acoberta nas trevas da incerteza, da insegurança?

Quando o homem cumprirá o seu dever?

Só quando as luzes do anarquismo em ascensão, desfazendo as trevas de todas as formas sociais já vividas e inconsequentes, permitam surgir a verdadeira ordem humana, transformando o caos em harmonia e paz!

Liberto Lemos Reis

# A CONCEPÇÃO DO ESTADO

A concepção do Estado, seja qual for seu colorido, é baseada no direito da força e não na força do direito. Floresceu ao impulso de meios compulsorios e violentos. Impor condições de vida é sua finalidade, embora essas condições de vida sejam incoerentes e contrarias às aspirações humanas. O aparato belico que cerca o Estado torna-o um Molock impropfanavel. Não admite sugestões diametralmente opostas à sua estrutura social, porque sua ação arrogante fez de si uma especie de tabú, isto é, um não me toques. Todo individuo que tentar discordar, isto é, desobedecer aos dogmas do Estado, será cruelmente castigado por seus cerberos.

O direito de viver, de pensar, de articular qualquer iniciativa que redunde em beneficio social e humano, está submetido ao controle do legislativo estatal, instituição enganadora que, segundo os preceitos dogmáticos do Estado, é a unica força habilitada sobre o onxame humano. O individuo, neste caso, é um zero à esquerda. Não pode pensar nem agir por conta própria. Seus pensamentos, seus ideais, por mais generosos que sejam, têm que subordinar-se aos conceitos atávicos dos nossos ascendentes, que viam as coisas sob prismas diferentes. As gerações contemporaneas desejam viver conforme seu estagio evolutivo e não como pensavam seus antepassados. Sendo assim, porque esse amontoado de preconceitos politicos, morais e economicos, de que tanto se orgulham os defensores das instituições anacrônicas? Porque essas normas juridicas e morais arcaicas tomam foro de atualidade e se conservam pela força das balonetas? Eis aí a incognita da equação.

Se a instituição legal do Estado encarna a tendência emancipadora das coletividades, que projeta focos de luz sobre a rota dos povos sofreadores, não se explica a investidura metálica de que o circunda e o torna invulneravel. A força armada de que dispõe para sustentar-se indica que não possui força moral equivalente aos anseios populares. Encontra-se aquem das justas aspirações dos que desejam uma convivência social à altura da evolução mental da humanidade. Por isso é que usa e abusa do direito da força. De outra forma, seria incapaz de sustentar-se e ruiria fragorosamente a um simples embate das massas oprimidas.

A realidade ambiente demonstra-nos que a vitalidade do Estado deve-se à má organização social contemporânea, onde as condições de vida são desiguais e injustas. A riqueza social, ou seja, o fruto dos produtores é sonogado aos próprios produtores, porque estes não possuem a verdadeira consciência de seus direitos. O Estado tudo faz para desvirtuar esses direitos e manter a exploração do capitalismo.

O parasitismo social, veneno corrosivo que se aninha nas entranhas da sociedade burguesa, é a força motora que determina e orienta o movimento esmagador do carro do Estado. Sem esse elemento, o Estado seria coisa morta nas relações humanas, isto é: não teria razão de existência.

Dividir para governar é a teoria dos parasitas da sociedade, que vêem no Estado a táboa de salvação, a alquimia de seus apetites insaciaveis. De fato, a divisão de classes, privilegiadas e protegidas na abundância e até no superfluo, umas; depauperadas e exploradas, outras; a subdivisão das classes desprotegidas por intermedio do famigerado sistema de salario, são as causas que justificam a burocracia parasitaria para manter acêso o fogo nas caldeiras do Estado. Quer dizer: — A desigualdade social e economica da sociedade contemporânea é a pedra angular que sustenta o Estado. Portanto, a natureza intrinseca do Estado é conservar o regime dos privilegiados, não se importando com a miséria e a vida amarga da imensa maioria do conglomerado humano.

Logo, sendo esse o desdobraimento normal das forças do Estado, não resta duvida que as castas parasitarias façam todo empenho em conservá-lo como uma "necessidade" historica, embora, para isso, importe num escandaloso antagonismo de classes revelado nas lutas pelo poder.

Com efeito, a corrida espetacular para empoleirar-se no poder é feita à custa de vergonhosos processos, inclusive o metodo inescrupulosos de fazer a "caveira", como se diz comumente na gíria.

O parasitismo social é um peso morto no equilibrio da economia da sociedade humana, porque, além de nada produzir de utilidade, torna-se um elemento perturbador e insociavel.

A morbidez do organismo estatal manifesta-se quando o povo, em desespero de causa, sai à rua em demanda de melhores condições de vida. Afé que o Estado descarrega toda a virulência da sua tirania: chanchalho, pata de cavalo, e outros metodos de repressão são empregados contra o povo, porque assim o exigem os interesses dos potentados e o decore das instituições estatais. E depois diga-se que o Estado é o supremo artifice das aspirações humanas.

Historicamente falando, a instituição do Estado foi estabelecida para garantir o produto da rapina; e como tal se conserva em nossos dias. O conceito da propriedade particular se arraigou na mentalidade humana quando as forças organizadas do Estado entraram em jogo e reconhecem que, de fato, a superfície terrestre podia ser retalhada e convertida em propriedade individual e legitima de quem a possuísse. Com este reconhecimento legal do principio de propriedade privada, o Estado, automaticamente, assume a responsabilidade desse tremendo atentado de lesa humanidade. Portanto: os povos que anseiam pela liberdade e o bem-estar coletivo devem aplicar todas as suas energias de forma que as irradiações da luta contra o Estado atinjam em cheio o causador de todas as infelicidades humanas.

M. GARCIA

## JOSE PUYCEGUR

Estando este numero do jornal já preparado para a impressão, chegounos a triste noticia do falecimento, em Santos, do companheiro José Puycegur. Causou geral consternação a morte desse camarada, pois muito ainda se esperava de sua atividade, dada a sua decidida disposição para, tudo, como ainda pela sua idade, pois desapareceu com 51 anos.

O Francês, como era geralmente chamado, foi um militante de grande valor, por sua firmeza de convicções, pelo seu seguro criterio, pelo seu senso de responsabilidade, pela perseverança no esforço em prol de nossa causa.

Como operario da construção civil, o Francês foi um incansavel em atividade no sindicato da classe e da organização em prol do proletario. Como anarquista, foi um militante que muito fez pelo desenvolvimento de nosso ideal.

No Centro de Cultura Social, no dia de seu falecimento, sabado, 9 do corrente, três dos socios presentes enalteceram os seus meritos, resolvendo se encerrar a sessão em sua homenagem.

Não obstante ter a noticia chegado à ultima hora, partiram sabado para Santos, diversos companheiros, que acompanharam o enterro, que se verificou na manhã de domingo.

No cemitério, falaram os companheiros Edgard Leuenroth e Lucas Gabriel, o dr. La Scala e um militante da construção civil cujo nome, no momento, não nos ocorre, ex-presidente do Sindicato da Construção Civil.

A familia do nosso inesquecivel companheiro o nosso protesto de solidariedade em sua grande máguá.

lo fez esta referencia no movimento dos anarquistas da Ucrania, que, depois de vencerem os reacionarios e estabelecerem um regime de vida libertaria, de igualdade e justiça, foram traídos e perseguidos pelos ditadores bolchevistas;

mas o movimento mais forte e mais interessante, o de Machno, teve por campo de ação, o sul da Russia, ocupado pelos exercitos brancos de Denikin. Teve um carater anarquista, participando dele alguns teóricos desse credo, um dos quais Volin, publicou mais tarde, no exterior, um livro a respeito. Machno gozava das simpatias dos camponeses e dos brancos não conseguiram esmagar seu movimento; mas os comunistas não tiveram muito tempo para derrotá-lo.

# Opiniões Alheias

## PARA QUE SERVE O ESTADO

Numa cronica recente mandada do Rio para "O Estado de S. Paulo" encontramos os seguintes trechos cheios de verdades de peso sobre a origem do Estado e a desgraça social que ele constitui, da autoria de V. Cy.

"Infinita é a loucura humana. Individualmente, nenhum homem quer a guerra. Tudo o que ambiciona é viver tranquilamente a sua vida, dela haurindo o maximo de bem estar que a sua capacidade lhe permite conseguir, entregue ao seu trabalho, gozando os seus prazeres, aproveitando os seus descansos. Mas o homem é gregario. Não pode viver individualmente. Para organizar e policiar a existencia em sociedade, inventou o Estado. E o Estado gerou a guerra.

Nenhum homem quer a guerra, disse eu? Não é bem verdade. Há os que a desejam e os que a provocam. São os fabricantes de armamentos; são os profissionais da carnificina; são os que governam e que, muitas vezes, só na guerra encontram meios de conservar o poder. Todos estes,

porém, são produtos do Estado. Só o Estado, como raiz primeira, gera, fomenta e insufla a guerra.

Sem o Estado, porém, o homem na sua cegueira não consegue realizar a existencia. Uma sociedade sem Estado e sem Igreja, sem os herdeiros diretos do cacique e do pagé, é concepção que não cabe na imaginação da humanidade atual. Talvez uma humanidade futura, se a especie sobreviver à sua propria demencia, no longinquo ciclo de uma nova civilização, chegue pela penosa evolução da experiencia, à cláridade de uma organização de liberdade e paz, sem Nações, sem Estado, sem governos, sem exercitos, sem os germes fecundos da guerra, da opressão, da barbaria."

## O TUDO NO NADA...

O vetusto "Jornal do Comercio", do Rio, publicou um interessante artigo de Lorde Wellington, do qual não podemos fugir ao desejo de reproduzir este retalho contendo uma profunda parábola:

...A esse respeito é encantadoramente instrutiva a conhecida parábola dos Upanishads dos antigos indus, por meio da qual um professor dá aos seus discipulos uma demonstração da idéia da unidade da essencia de todas as coisas e da magnitude das realidades aparentemente insignificantes:

- "Trazê dai um figo."
- "Aqui o tens, senhor."
- "Divide-o."
- "Elo dividido, senhor."
- "Que vês?"
- "Pequenas sementes, senhor."
- "Divide uma delas."
- "Está dividida, senhor."
- "Que vês nela?"
- "Nada, senhor."
- "Na verdade, meu caro, é dessa fina essencia que tu não vês, que as grandes figueiras crescem. Crê, meu caro, que esta é a mais alta essencia, o universo tem esta essencia como a sua alma. Esta é a Realidade. Isto é Atman. Tat twam asi — isto é tu, Shwetaketu."
- "Fizestê-me compreender, senhor."
- "Assim seja, meu caro."

**SOBRE A REVOLUÇÃO RUSSA**  
Ocupando-se da revolução russa, o colaborador de "O Estado de S. Pau-

# REGIME DE ESCANDALOS

O caso do vereador envolvido num escandalo, tratado com exuberancia de detalhes pela imprensa nos primeiros dias do mês passado, demonstra que temos razão nós, os anarquistas, quando condenamos a sociedade burguesa, o regime de escandalos e irresponsabilidades em que vivemos.

O caso pode resumir-se no seguinte: um vereador atráe a um apartamento do prédio Martinelli, hoje America, uma menor para as suas extravagancias. É apanhado e preso em flagrante. A imprensa dá destaque ao fato, movimentando a edilidade e põe-se em liberdade o sedutor.

O fato em si não teria nenhuma importancia, si não viesse evidenciar a podridão social que se origina no arcabouço das instituições politicas que o Estado mantém à custa do povo, explorando-o.

Efetivamente, esse, como outros casos igualmente escabrosos são comuns na órbita da engrenagem burguesa, corrompida e corruptora. Casos que se praticam impunemente, porque os seus protagonistas estão a salvo da justiça, em virtude do desempenho de funções oriundas da politicagem.

São efeitos de uma causa que reside na própria estrutura da organização social vigente e que, seja qual for o país ou o meio em que se viva na presente sociedade, não encontram solução. O burocratismo parasitário do Estado é meio propicio para a depravação moral, não porque os individuos sejam depravados, mas porque muitos se depravam no exercicio de funções parasitarias.

Para isso concorrem diversos fatores: a convicção de que os outros precisam dêles; o favoritismo, dado ou recebido, muito comum no meio burocrático para o parasitismo politico, em consequência de promessas feitas a chefes politicos e cabos eleitorais, por ocasião de eleições; o relaxamento da responsabilidade pela natureza do automatismo funcional; a subordinação de elementos femininos, tudo isso e mais a certeza da impunidade, faz com que os individuos se corrompam e depravam a ponto de parecerem naturais casos como esse em que se envolveu o referido vereador.

Não se diga que exageramos, pois ficamos muito aquém do verdadeiro panorama que se oferece aos olhos de todos quantos se dão ao estudo dos problemas da moral social. Por isso, lutamos pelo advento de uma sociedade em que não seja possível essa depravação, de todos os sentimentos humanos; em que, não havendo as causas do parasitismo governamental, pela abolição do Estado; desaparecidas todas as razões de existencia do achincalhamento da personalidade humana, possam os individuos livres entregar-se livremente à obra construtiva da paz e da felicidade para todos os seres humanos, dentro dos principios são do anarquismo.

## Buscando Esclarecimentos

### PERGUNTE OU RESPONDA

Uma das características dos militantes libertarios e de quem simpatiza com o anarquismo é a ansia de saber, o espirito de pesquisa, sempre buscando robustecer os proprios conhecimentos em proveito de nossa causa.

Foi esse espirito de livre exame que animou um companheiro, a nos sugerir a criação, em A PLEBE, de uma seção de perguntas e respostas sobre coisas de nosso movimento ou que tenham qualquer relação com o problema social.

Achamos a idéia acertada e, assim, passamos a pô-la em pratica, a titulo de experiencia. Damos, pois, por iniciada a seção "Buscando esclarecimentos".

Aguardamos, portanto, as primeiras perguntas. As respostas serão dadas por nós, se estivermos habilitados para isso, ou por elementos a quem recorreremos para esse fim. Os leitores de A PLEBE também ficam convidados a responder as perguntas formuladas.

Registrados, valês postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. Caixa Postal 2162.

## LIVROS QUE RECOMENDAMOS

- "Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casainte Buvé — edição castelhana ..... Cr\$ 35,00
- "Manifesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigi Fabbrì Cr\$ 35,00
- "Em torno de uma vida" — Pedro Kropotkine Cr\$ 35,00
- "Luíza Michel" — (La Virgen Roja) — Irma Boyer, enc. Cr\$ 45,00
- "Teses da existencia e inexistencia de Deus" — Charles Duclaux ..... Cr\$ 20,00
- "As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf Roeker Cr\$ 15,00
- "La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkine Cr\$ 85,00
- "O que es la Propiedad?" — Proudhon, enc. Cr\$ 40,00
- "O Anarquismo no alcance de todos" — José Otílica Cr\$ 12,00
- "Sermões da Montanha" — Tomás da Fonseca Cr\$ 40,00

Pedidos à Caixa Postal 5730 — São Paulo — Capital

# Sua eminencia falou...

Sua eminencia o cardeal arcebispo de São Paulo, d. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, de volta de sua recente excursão eclesialística à Europa, expandiu suas impressões. Em entrevista concedida a um vespertino desta capital, falou a respeito do espiritualismo no Velho Mundo e outros sistemas filosóficos que medram no seio de diversos povos após o grande conflito que assolou a humanidade.

Essas tendências filosóficas, na opinião de d. Carmelo, não têm grande importância e profetizou a sua transitoriedade, "tal como acontece às modas".

"Assim como o modernismo na arte — afirma d. Carmelo — nunca fará perder o valor da arte antiga, a essência da filosofia pelo aparecimento do Existencialismo, do literato Sartre, na França, não tem nenhuma importância, tendo, quando muito, a importância das "modas".

Não se discute a opinião pessoal de d. Carmelo quanto à arte moderna e sistemas filosóficos que vicejam em nossos dias. O mau estar dos povos, consequente ao conflito mundial, é evidente e profundo e explica perfeitamente que muitos escritores, esperançosos de melhores dias, procurem lançar idéias no sentido de fazer compreender à humanidade a improcedência e a barbaridade inominável das guerras. Esses autores, animados de propósitos sãos e humanitários, só merecem elogios incondicionais pelo muito que procuram combater todas as formas de injustiça social e pelo muito que procuram fazer pela paz do mundo.

O mesmo não se pode dizer da Igreja que, através dos séculos de sua existência, tem sido a grande e cruel instigadora das mais tremendas carnificinas.

A imposição da fé a ferro e a fogo em todos os tempos, até hoje, foi o lema eclesialístico. Se não se acendem mais fogueiras, não é porque faltem hereses para os "quemaderos". É porque o grau do nosso adiantamento não lho permite. O fato é que o Tribunal do Santo Ofício ainda funciona em Roma papal. A "moda" antiga de queimar os vivos que incorriam nas iras daquele "santo" tribunal também já passou, precisamente como passam as modas femininas, como mudas espiritualmente, a ilusão, frizou d. Carmelo.

A Igreja, agora, contenta-se com a arma espiritual e inocua da excomunhão e do Index para uso dos autores que lhe contrariam os postulados retrogradados.

Tudo passa... "Sic transit"...

Como a entrevista de d. Carlos Carmelo é toda desconjuntada, passando, sem transição, de um ponto a outro, os meus reparos têm de obedecer à irregularidade das suas opiniões.

A Igreja foi sempre a inimiga acerrima da arte e da ciência. A arte, cuja finalidade é sublimar o espírito

e exaltá-lo na contemplação do belo, contraria o espírito de humildade e resignação próprio das religiões em geral. A ciência, por sua vez, tendo integrado o Universo em sua verdadeira expressão cosmográfica, não é de molde a confirmar a lenda da criação segundo a Bíblia.

Referindo-se ao socialismo, comunismo e outras filosofias, formas de governo etc., reconhece d. Carlos Carmelo que: "as células sociais, as famílias, precisam se confederar em sadio cooperativismo para a paz e felicidade de todos".

"Pretendo — continua d. Carmelo — iniciar uma campanha estendendo convites às famílias católicas que desejem colaborar nesta obra sumamente altruística.

"Todas as inquietações que roem os povos atualmente são consequência da injustiça social. A Igreja não podendo interferir no problema no que ele apresenta sob o aspecto material, cumprirá, todavia, seu dever, dando aos povos assistência espiritual." (Os grifos são nossos).

Ocorre perguntar: Que tem feito a Igreja, durante o longo período de sua existência, para suprimir ou simplesmente atenuar a injustiça social de todos os tempos?

Nada, absolutamente nada. D. Carlos Carmelo deve saber melhor do que nós que a assistência não pode ser senão material. Povos famintos, ou sub-nutridos, sem lar, sem um mínimo de conforto material, sem assistência de espécie alguma não podem pensar em espiritualismo, em paraísos hipotéticos, em bemaventurança eterna, quando aqui se debatem num inferno de necessidades de toda a sorte, com ordenados irrórios que apenas bastam para se alimentarem mal e morarem numa promiscuidade dolorosa e indecente. Falar em assistência espiritual a quem está passando privações materiais, rodeado de filhos mal comidos, maltrapilhos, explorados pelos tubarões de todos os tomos e calibres, inclusive os embatinados, é rematado escarneo!...

Não! d. Carlos Carmelo! Não! Primeiro assistência material ampla, sadia e abundante para que em corpos vigorosos e fortes as luzes do saber resplandeam em toda a sua pujança. D. Carlos Carmelo deve saber que o depauperamento físico acarreta fatalmente a depressão de todas as energias da mente.

Em primeiro lugar, portanto, assistência no sentido de fortalecer os organismos combatidos e depois, assistência espiritual, não para embriuteçar os espíritos, como faz a Igreja, mas orientando-os para o bem geral da humanidade.

Quanto aos problemas alimentares na Europa, d. Carmelo acha que a França ainda luta por resolvê-los. A Itália está em vias de dar-lhe uma solução definitiva e quanto à Portugal esse problema já não existe... pelo menos para Salazar e para o cardeal Cerejeira.

VETERANO

# As Colonias Libertarias da Palestina

Não basta invocar o direito às terras da Palestina para os hebreus que ali se instalaram há meio século, pagando o chão metro por metro, a custo de dinheiro e de sacrifícios heroicos. Pouco vale, também, acusar as intrigas da diplomacia internacional, dos concessionários das grandes companhias petrolíferas, ou denunciar as ambições do "pan-arabismo" invocadas por meia dúzia de soberanos de ocasião que sonham fundar na Terra Santa um fantástico império do Islam, ou a criminoso hegemonia inglesa e a incoerente política americana.

A guerra continua; árabes e judeus enfrentam-se numa luta cruel de extermínio e as grandes potências discutem bizantinamente em Lake Success — como antes no infame Comitê de não Intervenção de Londres durante a guerra civil espanhola — acerca do sexo dos anjos...

A alta política dos Estados e as tenebrosas maquinações diplomáticas urdidas em defesa das castas financeiras, assim como estão lançando os povos a novos massacres, permitirão que a cidadela socialista, construída pedra por pedra pelos judeus coletivistas da Palestina, seja convertida em um montão de escombros e de seres sacrificados.

Tudo isso porque os povos não acorreram à defesa de um ideal que encontrou na Palestina seus melhores realizadores, porque não quiseram proclamar que ali se estava construindo o socialismo dos homens livres.

E da derrota dos coletivistas hebreus o socialismo terá novas razões de decadência.

Acaso a política inglesa poderia ser de tão franca cumplicidade com as camarilhas dinásticas dos feudais da Liga Árabe, se o povo britânico soubesse claramente que o que está em jogo na Palestina é uma tentativa profunda de renovação social? Porventura, sucederia o que se está passando, se igual demonstração se tivesse feito aos trabalhadores italianos, franceses, americanos que induzidos a enfrentar seus respectivos governos, juntando-se ao povo hebreu da Palestina para ajudá-lo a vencer e a ser pacificamente forte... e para que sua mão estendida ao humilde fellah não seja repelida.

Tomada firme convicção de que só a perspectiva de um socialismo libertário, a certeza de uma profunda transformação das relações sociais na liberdade e a luta pela supressão da miséria com trabalho útil e livre, podem inculcar fé e valor aos povos, poupando ao mundo novas guerras e novos sofrimentos.

Se a Rússia atual oferecesse a certeza de um socialismo realizado na liberdade e no respeito à personalidade humana, como se supôs no distante 1917, determinando o rompimento das forças de guerra e de regressão, seria hoje inconcebível a divisão do mundo em blocos inimigos e toda ameaça de guerra ter-se-ia esfumado.

Se se quisesse, a Palestina coletivista poderia recolher a tocha deixada cair pela Rússia ditatorial e ofereceria aos povos a paisagem de um socialismo livre que soube realizar, demonstrando sua viabilidade.

Que se fez socialismo na Palestina pela obra dos coletivistas hebreus, prova-o grande numero de testemunhas e documentos.

País essencialmente agrícola, organizou-se a vida econômica sobre a base de colônias camponesas. Em 1943, antes das grandes emigrações do pós-guerra (1945), as colônias atingiam o numero de 111, com uma povoação de 31.460 habitantes (dados do Departamento Estatístico da Agência Judaica). Hoje, essas cifras terão aumentado bastante.

Quais são as características principais dessas colônias? Eis alguns dados sumários tirados do estudo de I. M. Pearhman, (Londres-Toronto, 1938):

"As colônias atuais diferem bem pouco, em linhas gerais, salvo nas proporções, da primeira (Degania), fundada em 1910. A população das diversas colônias varia de 100, 800, 1.200 habitantes. Nelas, o princípio fundamental CADA QUAL TRABALHANDO SEGUNDO AS SUAS POSSIBILIDADES E RECEBENDO CONFORME AS SUAS NECESSIDADES é aplicado praticamente em todos os aspectos da vida coletiva. Os componentes entregam os frutos do seu trabalho ao fundo comum e recebem os objetos de que necessitam: alimentos, roupa, habitação, etc. Tudo é compartilhado pela comunidade.

"Não há propriedade privada; a terra é de posse comum. Os membros da comunidade não possuem nada, mas têm direito a tudo. NA COMUNIDADE NÃO CIRCULA O DINHEIRO; também não faz falta, porque cada componente, pelo fato

único de pertencer à comunidade, tem satisfeitas as suas necessidades essenciais.

"... a direção e a administração da comunidade são democráticas. A assembleia geral de todos os membros é a autoridade suprema. Todas as questões de relevo são discutidas e nelas resolvidas. Todos têm direito a voto. O processo habitual para as eleições é o levantamento de mãos, mas, às vezes, pode votar-se pelo sistema de voto secreto, se alguém o deseja.

"... Não há um chefe de colônia; a administração está nas mãos de um comitê executivo, do secretário, tesoureiro, etc., que são escolhidos pela assembleia geral. Um dos membros do comitê executivo preside geralmente às assembleias.

"Quando, no fim do ano, registra-se alguma entrada financeira (pela venda de produtos para exportação nos mercados "livres"), a colônia pode decidir, após destinar parte do dinheiro ao fundo de reserva (para

comprar no exterior), elevar o nível de vida aumentando as verbas destinadas ao vestuário, ao recreio, às construções, etc."

Não é possível, neste pequeno artigo, fazer-se um exame profundo da significação social das coletividades da Palestina. Fizemos as precedentes citações unicamente para poder formular uma pergunta concreta: "Trata-se ou não de princípios amplamente socialista, que os socialistas regularmente providos de "carnets" e eruditos em textos marxistas, devem receber e fazê-los seus? Nesse caso, como explicar este obstinado silêncio por parte de uma imprensa sempre disposta a magnificar para o socialismo as desastrosas nacionalizações do senhor Attlee e o capitalismo de Estado (com o anexo de um feioz aparelho político-militar) de Stalin.

Seja qual for o desenrolar dos acontecimentos na Palestina, ainda não será demasiado tarde, para dizer aos povos decepcionados que existe uma cidadela do socialismo para salvar, para cuja tarefa tem profundo sentido a luta de hoje e de amanhã.

(De "Reconstruir", de Buenos Aires)

# TRAGÉDIA IBÉRICA A decomposição do fascismo em Portugal

O julgamento dalguns generais e políticos destacados no Tribunal Militar de Lisboa, por imposição do governo fascista, tornou-se um julgamento do Exército, do governo e do presidente-fantoches. Não escapando isso ao povo, que se surpreendeu com o acontecimento, ele evidenciou mais uma vez que se começou a derrota do pleito de Portugal há de continuar a ser uma colônia do "sen" Exército ou uma feitoria dos clans capitalistas de Nova York e Londres, associados a um clan capitalista "divino" — o Vaticano.

O Exército em Portugal é uma velha casta de conquistadores, impondo-se no país, que nunca dispôs duma política própria. Todas as transformações políticas desenvolvidas nos seus períodos históricos de adaptação ao progresso social foram sempre condicionadas pela casta militar; todos os governos viveram na sua absoluta dependência.

A militarada de Maio de 1926, que estabeleceu o reinado de Salazar, foi um conflito do Exército e da Igreja. Desde então, toda a política do fascismo foi de colonizar o país aos trusts capitalistas e vaticanistas, e, por isto, se compreende que os regimes de Salazar e Franco houvessem combinado uma colonização ibérica agradável aos mesmos trusts, e desde o final da última guerra se verifique a cumplicidade das "democracias" argentárias com o bloco fascista ibérico.

O país foi submetido ao predomínio de meia dúzia de famílias poderosas e das congregações vaticanistas, que dominam a economia e todos os setores da vida nacional.

Pouco a pouco, a casta militar, composta dos descendentes dos velhos conquistadores, perdeu parte da sua influência política. Domina inteiramente a plutocracia e a clericalia o Estado dominante da vida nacional.

O conflito é latente desde que a última guerra evidenciou o domínio avassalador do Estado na vida social, e as velhas tribos militares reagem desconexadamente, como se verificou agora com esse julgamento sensacional.

O major Botelho Moniz, figura sinistra de militar político, envolvido em todas as militaradas e comandante da formação militar portuguesa "Viriato", que ajudou as hordas de Franco, aparece nesse julgamento como defensor do almirante Cabegas, e fez no tribunal afirmações de paz política, que todo o país repele. Ele próprio afirmou que "está em causa o prestígio do Exército e do regime".

Um dos acusados, o brigadeiro Vasco de Carvalho, declarou que nem é da direita reacionária nem das esquerdas, "mas do centro, do verdadeiro centro, do eixo da vida nacional, que para ele, SOLDADO DE VOCAÇÃO, é o Exército".

Como testemunhas dos réus havia mais de 130, na sua maioria altas patentes do Exército. Perante a estupefação do país, que assiste surpreso a um julgamento coletivo do Exército e do governo, que julgava inseparáveis e cúmplices, e cujo principal réu é o marechal Car-

mona, o presidente que simboliza o perverso matrimônio caminhando para o divórcio, esses militares foram todos condenados a um ano de prisão correccional, multas em dinheiro e perda dos direitos políticos por 3 anos.

Quando do julgamento de Petkov, na Bulgária, e dos chefes políticos das oposições, na Romenia e na Hungria, as "democracias" inglesa e americana se indignaram CONTRA ESSE ATENTADO ÀS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS (melhor diríamos: atentado às liberdades do plutocracia do dólar e da libra), mas são indiferentes perante estes chefes militares, julgados por delito de opinião política, por quererem, como afirmaram, restaurar a "sua democracia" num país reduto do fascismo.

É compreensível: a banca mundial não se harmoniza com as ultrapassadas tribos militares.

É certo que com esse julgamento se abriu uma rutura mortal no equilíbrio do sanguinolento consulado de Salazar. O Exército que procurou decidir uma "democracia" do "sen" tipo dona do país revoltado, esfaimado, aniquilado na sua economia e na sua vida espiritual, por simples ensarilhar de armas, só pode agir por um golpe violento.

Os partidos políticos clandestinos aguardam recuperar o poder intronizados no equipamento dos Estados Maiores, e o país não confiado muito nestas andanças, aguarda a oportunidade de respirar mais livre.

Estes acontecimentos hão de esclarecer os trabalhadores e os intelectuais saturados do fascismo e das debilidades das "democracias populares" ou capitalistas, para abrir-lhes novas perspectivas de manumissão.

Os Cesares peninsulares Franco e Salazar vêm fundir-se os seus próprios regimes na crise das instituições sobre que circunda a Iberia. O anarquismo peninsular terá uma missão renovadora e manumissora, porque só restarão escombros desta fragorosa derrocada. É preciso que as nossas centrais sindicais, CNT e CGT, empreendam a jornada comum sem se ignorarem. Não mais a omissão dramática do 19 de Julho de 1936.

MARIO MARTINS

# UNIÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO

Com o fim de melhor coordenar os esforços empregados em prol do movimento libertário, foram lançadas no Rio de Janeiro as bases de uma organização anarquista.

Essa iniciativa foi tomada em uma reunião à qual compareceram não apenas antigos militantes, mas, também, em maior numero, elementos novos animados de entusiasmo pela nossa causa.

A União Anarquista do Rio de Janeiro trabalhará no sentido de estimular os companheiros a constituírem grupos que, depois, se unirão federativamente. Trabalhará igualmente para a divulgação dos princípios que animam o movimento libertário.

# CONVENIO ANARQUISTA

PARA FORTALECER O MOVIMENTO LIBERTÁRIO

A idéia de se promover um encontro de militantes libertários em atividade em todo o país, continua a ser objeto de exame em nosso meio, em reuniões e por meio de correspondência.

A consulta feita sobre a utilidade, oportunidade e possibilidade de ser levada à prática essa iniciativa já se pronunciaram, em reuniões, os elementos do Rio de Janeiro e

de S. Paulo. Por carta, já se manifestaram companheiros do interior de S. Paulo, e dos Estados de Minas, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

As camaradas do Rio de Janeiro também fizeram igual consulta, distribuindo uma circular a respeito.

Concitamos os companheiros de todo o país a darem o seu parecer, escrevendo-nos para a Caixa Postal 2759.

# As Conferencias do Centro de Cultura Social

Em virtude de impedimentos alheios à vontade de seus componentes, o Centro de Cultura Social deixou de realizar as suas conferencias dos sábados no Salão da Associação dos Empregados no Comércio.

Não obstante isso, a série de palestras sobre o socialismo teve prosseguimento. Depois das que já noticiamos sobre a gênese e o desenvolvimento do Estado, foram realizadas outras que tiveram por temas — o Estado moderno e o Estado e o socialismo, e, por fim, se é possível dispensar o Estado na organização da sociedade.

A primeira foi realizada pelo prof. Antonio Candido, a segunda pelo dr. Febus Gikovate e a terceira pelo companheiro, Edgar Leuenroth.

Nos debates travados no final dessas conferencias participaram muitos elementos, destacadamente os companheiros dr. Mario F. Santos e Lucas

Gabriel, e, na ultima, o socialista Aristides Lobo.

Ainda sobre este ultimo tema, o debate prossegue na sede do Centro de Cultura Social, à rua José Bonifácio, 387, às 20 horas, todos os sábados, com entrada franca.

# Bispos por atacado

Os jornais do dia 5 do corrente publicaram um telegrama da Cidade do Vaticano noticiando a nomeação de mais dois bispos para o Brasil, para Bomfim e Montes Claros.

Ainda há pouco, outros bispos foram para aqui nomeados.

É, por isso, que o arcebispo de São Paulo afirmou, ao regressar da Europa, recentemente, considerar o Brasil um dos países mais entócos.

# A PLEBE

S. PAULO, 13 DE OUTUBRO DE 1948

ANO 32 — NUM. 19 (Nova fase)

## Fazendo recuar o fascismo nacional



Arrogantes e provocadores — como todos os fascistas — os integralistas fugiram espavoridos naquele embate decisivo

“No dia 7 do corrente fez 11 anos que os antifascistas de São Paulo pela primeira vez enfrentaram em praça publica os integralistas.

Foi nesse dia que começou a luta decidida dos antifascistas no Brasil. Para que os remanescentes partidários, arrebanhados no “bas-fond” da escória social, elementos imbecilizados e inconscientes, que no momento tentam voltar à carga, se lembrem da lição do passado; e, mesmo, para contar alguma coisa desse acontecimento histórico, que até hoje não foi contada, vou narrar este fato.

Na ultima quinzena de setembro de 1934, os integralistas, arrogantes, sentindo-se protegidos pelas instituições capitalistas, autoridades policiais e pelo proprio governo, assumindo uma atitude provocadora de desafio aos sentimentos de liberdade das classes trabalhadoras, convocaram uma grande manifestação em praça publica.

O proletariado naquela época, em São Paulo, estava mais ou menos organizado. Os operários tinham seus sindicatos e estavam arregimentados na Federação Operaria de São Paulo. Com elementos da Federação e os grupos libertarios, organizou-se um comitê antifascista para manifestar sua repulsa ao integralismo. Logo passaram a publicar boletins, manifestos e jornais concitando o povo de São Paulo, os homens livres, a virem, nesse dia, para a praça publica e manifestar sua aversão contra todas as formas de fascismos.

Com o aproximar do dia 7, os preparativos se iam avolumando. Os integralistas concentravam em São Paulo, vindos das cidades do interior e de outros Estados, grande numero de adeptos do credo deles. Nos seus antros, nas esquinas, nos cafés, entre risadinhas cretinas e gestos duvidosos, juravam que haviam de beber o sangue dos antifascistas. Mais se vai aproximando o dia, mais os animos se exaltam. O comitê antifascista trabalha sem descanso e, nos ultimos dias, reúne-se em sessão permanente. Os integralistas continuam na sua faina provocadora com plena certeza do bom exito porque contam com as garantias da policia. Enfim eis que estamos na véspera do grande dia. O comitê, em reunião permanente, dava os ultimos retoques nos seus preparativos. E aqui quero contar um episodio que não foi ainda contado e bem poucos o sabem.

Na ultima reunião do comitê, lá pelas 10 horas da noite, no recinto onde estavam, aparecem 3 pessoas e pedem para ser recebidas. Suas primeiras palavras foram: Nós, do Partido Comunista, entendemos que devemos fazer uma frente unica diante da ameaça integralista e publicar um manifesto. Os presentes ficam atônitos; pareceu-lhes que tinha caído ali uma bomba atômica; percebia-se que queriam responder:

— Então é hoje, na ultima hora, depois de um mês que nós estamos trabalhando sem descanso, que todo o povo de São Paulo já sabe que amanhã devemos ir à praça publica para defender o direito de reunião e desmascarar os integralistas é que vo-

cês vêm falar de manifestos, frente unica, empolgar as massas?

Mas não se disse isso e, por um ato de delicadeza, iniciou-se a troca de opiniões.

Passaram-se varias horas e não se pôde chegar a um entendimento, pois as discordancias eram grandes em vista de os elementos do Partido Comunista insistirem em publicar um manifesto de frente unica. Quando a discussão chegava ao auge e os animos se exaltavam fortemente, eis que um dos presentes traz a táboa de salvação dizendo: — Camaradas! em vista do adiantado da hora e de não podermos entrar em entendimentos para frentes unicas, pois o tempo é exiguo, proponho que a frente unica se faça amanhã na praça publica. Os visitantes, embora desapontados, têm que concordar e, lá pelas 2 horas da madrugada, termina a reunião.

E a grande hora chega; estamos no dia 7 de outubro de 1934.

O chefe e todo o estado maior do sigma brasileiro achava-se em São Paulo. Do Rio vieram quinhentos milicianos de choque, equipados e perfeitamente municiados. O proletariado e os homens livres de São Paulo, atendendo ao apelo do comitê antifascista, dirigem-se para o centro da cidade.

Vendo a Praça da Sé tomada pela cavalaria e pelos policiais, não podendo, portanto, reunir-se para manifestar seus sentimentos de aversão ao fascismo, os nossos elementos foram se aglomerando nas circunvizinhanças, aguardando o aparecimento dos integralistas.

Até que enfim, o grande momento chega e ouve-se na direção da rua Barão de Paranapiacaba o pipocar de bombas. São os camisas-verdes que, para assustar e impressionar o povo, fazem seu ingresso na Praça jogando bombas. Logo notamos a covardia dos integralistas, pois vêm na frente de todos as plinianas, crianças em sua grande maioria; em seguida, chega a banda de musica tocando sua marcha marcial; finalmente, desfila a famosa tropa de choque. Mas seu chefe,

### “A PLEBE”

Não obstante estar aparecendo uma vez por mês, em virtude de embaraços alheios à nossa vontade, este numero aparece com atraso.

Todo o nosso esforço converge para possibilitar o aparecimento regular de A PLEBE. Para isso, entretanto, é indispensavel a cooperação de todos os elementos que sentem a necessidade da existencia deste veiculo do movimento libertario.

Essa cooperação deve manifestar-se, antes de tudo, na parte economica do jornal. Sem as contribuições regulares dos companheiros não poderemos mantê-lo. A sua circulação também exige o esforço de todos, arranjando assinantes, pedindo-nos pacotes para a distribuição em toda a parte e estimulando os jornaleiros a venderem A PLEBE.

Todos precisam contribuir para que este jornal readquirira o seu posto de destaque no campo da luta libertaria.

Plínio Salgado, não está. Ficara na sede aguardando o desenrolar dos fatos. Quando já se encontravam na Praça, surgem do lado oposto os antagonistas, não para atacá-los, mas para gozar dos mesmos direitos de palavra, para manifestar sua aversão à toda forma de fascismos. Improvisamente uma tribuna. Um camarada toma a palavra: — Antifascistas de São Paulo!

Nesse momento, ouviram-se alguns tiros. Foi a primeira manifestação de desgosto e, então, não se pôde mais localizar os pontos de ataque.

Os caricatos discipulos de Mussolini, que estavam armados até os dentes, puxam as armas para atacar os populares. Isso irrita ainda mais os animos, seguindo-se uma verdadeira explosão. As balas siblam em todas as direções, vindas de todos os pontos da Praça, das esquinas, das ruas, das portas dos predios, onde se entrincheiraram grupos de pessoas armadas, que atiravam contra os “camisas-verdes”, os quais, descontrolados, não obedecendo à voz de comando e à disciplina, sem mesmo se lembrarem que tinham ido ali para jurar fidelidade ao seu “chefe nacional”, corriam, abandonando as bandeiras do sigma e até os tambores de marcar passo... O tiroteio estende-se ao Largo de São Francisco, onde os integralistas se lembram de que haviam prometido beber o sangue dos antifascistas.

Enquanto isso, varios eram já os integralistas feridos e alguns mortos. Os poucos que ficaram nas redondezas tentam enquadrar-se novamente na praça; mas, diante da nova investida dos antifascistas, a debandada foi geral! Grupos de “camisas-verdes” fugiam por toda parte.

Entre os mortos figuravam 2 agentes de policia, 3 integralistas, 1 guarda-civil e o antifascista Décio P. de Oliveira. Houve 31 feridos e uma centena de pessoas receberam contusões em virtude das correrias e da confusão que se estabeleceu.

E essa cartada foi jogada pelo proletariado paulista com heroicidade, em campo aberto; o combate verificou-se em plena rua, em plena praça, a descoberto. Cada individuo era senhor da sua propria vontade; não havia chefe; não houve mandantes. Foi o povo, o povo que não queria o fascismo, que não queria ser escravo.

No dia seguinte, o “chefe nacional” veio a publico para responsabilizar a policia que não quis massacrar a enorme onda de povo que trazia a sua repulsa. Queria com isso fazer acreditar que os fracassos dos seus 10.000 adeptos foi por que a policia os não protegeu. Não! O motivo do fracasso foi a ação enérgica do povo trabalhador que não quis permitir essa exibição de imbecilidade e estupidéz, vendendo bem caro a sua liberdade de reunião e pensamento que os integralistas queriam destruir.

Hoje, ao comemorar esse feito, é dever de todos os antifascistas, homens livres; estar alerta, porque os mesmos “camisas verdes” daquele tempo se estão reorganizando e outros novos fascistas apareceram e pretendem restabelecer sua organização. SCUDELARIO



E preciso agarrar o ladrão do povo!

## O movimento libertario internacional

ESTA CONSTITUIDA A COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS ANARQUISTAS

A Conferencia Anarquista Internacional celebrada em Paris nos dias 15, 16 e 17 de maio de 1948, reafirmou a continuação da Internacional Anarquista criada virtualmente em Amsterdam em 1907 e convida a todas as Federações, Grupos e individualidades anarquistas a difundir, em todas as manifestações publicas do movimento, a existencia permanente da Internacional.

Depois de haver examinado a situação geral do mundo, a atividade e a situação das organizações, bem como o estado em que se encontram as relações anarquistas na Europa e no mundo, a Conferencia reconheceu a necessidade de manter uma comissão de relações, a qual deverá preparar imediatamente um Congresso Internacional Anarquista com o caráter mais amplo que seja possível. Caberá ao Congresso determinar os meios e formas das futuras relações e organismos internacionais.

A Conferencia elaborou um plano de trabalho internacionalista e designou o organismo provisorio de relações: COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS ANARQUISTAS (C.R.I.A.).

As obrigações da C.R.I.A., além daquelas que lhe são atribuídas para a preparação do Congresso Internacional Anarquista, consistem nos seguintes pontos:

1. — Redação de um Boletim regular de relações e informação a publicar-se em varias linguas;
2. — Relacionar entre si as Federações, Grupos e militantes isolados, com o proposito de realizar os objetivos de uma solidariedade pratica;
3. — Criação de arquivos internacionais e estabelecimento de um intercambio de publicações com os diversos países;
4. — A C.R.I.A. inicia suas funções com uma folha volante em lugar de Boletim, sem os fundos necessarios e sem meios tecnicos, contando tão somente com as contribuições dos companheiros voluntarios nos trabalhos a fazer.

A C.R.I.A. conta com todos aqueles que se acham de acôrdo com as suas finalidades e requer deles e de cada um o maximo esforço no sentido de se obterem informações uteis para a propaganda, bem como os meios necessarios afim de poder cumprir a tarefa que lhe foi designada.

PARA QUE COOPEREIS COM A NOSSA OBRA SOLIDARIA

Acha à venda o selo Internacional Pró Congresso ao preço de 10 francos cada um. Pedidos a Robert Joulin: 145 — Quai de Valmy, Paris (10.) (C.C.P. 55.61.76.)

Correspondencia e envio de publicações para C.R.I.A.: 145 — Quai de Valmy — Paris — X. Comunicai-nos vossas noticias. Fazei-nos saber as vossas necessidades.

Enviaremos o Boletim Internacional a todos os companheiros que o solicitem, conforme as suas indicações. Contamos com a boa vontade de cada um quanto ao apoio economico e, sobretudo, para fazê-lo circular o mais possível.

## Curso Popular de Higiene Mental

Promovido, em cooperação, pelo Centro de Cultura Social, Universidade Popular Presidente Roosevelt e Centro de Estudos Franco da Rocha está em inicio este novo curso.

Essas palestras, em forma de aulas, serão realizadas no salão do Instituto de Educação “Caetano de Campos”, à Praça da Republica, gentilmente cedido. As aulas serão ministradas nas datas abaixo designadas:

OUTUBRO — 7 — “Importancia da Higiene Mental na Sociedade Moderna”, dr. Francisco Tancredi; 14 — “Os Fatores de Desajustamentos e Meios de Evitá-los”, dr. Octavio Luiz Barros Salles; 21 — “Arte e Literatura em Higiene Mental”, dr. Ernani Borges Carneiro; 28 — “Vícios Sociais” (alcoól, cocaina, opio, fumo, jogos de azar, etc.), dr. José Maria Cabral de Vasconcellos.

NOVEMBRO — 4 — “Crêndices Populares”, dr. Osorio Cesar; 11 — “Higiene Mental e Política”, dr. José Angelo Galarsa; 18 — “Higiene Mental na Infancia (Menores abandonados)”, dr. Anthero Barradas Barata; 25 — “Higiene Mental e Orientação Profissional”, dr. José Longman.

DEZEMBRO — 2 — “Assistencia aos Egressos de Hospitais Psiquiátri-

cos”, dr. Hilton Neves Tavares; 9 — “Higiene Mental da Familia e do Professor”, dr. Pedro da Silva Dantas. As palestras têm inicio às 20,30 horas, sendo franca a entrada.

### Semeando Ideias...

A natureza obriga aos seres vivos a devorarem-se uns aos outros. O cadaver de certos animais alimenta o homem. Ao morrer, a larva se transforma em mariposa. Por toda a parte a vida brota da morte. Porém, através da serie de transformações, o progresso se realiza. No dominio dos seres humanos, a historia se limita a registrar o nascimento, o progresso e a decadencia de sucessivas gerações, mas esse periodo constitue um avanço. A humanidade avança sem cessar, em busca da perfeição.

LUIZA MICHEL

## Atraente Festival

Por iniciativa do Centro de Cultura Social e promovido pelo Grupo Teatral Social, será realizado um atraente festival, com o seguinte programa:

- 1.ª parte — Representação da comédia em 3 atos TABÚ, da autoria de Francisco X. Sobrado, versão livre de João Bastos;
- 2.ª parte — Ato variado, constante de canto, musica e declamação.

O festival terá lugar no proximo dia 23, sabado, no Salão Hispano-Americano, à rua do Gazometro, começando às 20 horas.